

HORIZONTE

NUM MAR DE NUVENS

AMOSTRA

HORIZONTE

NUM MAR DE NUVENS

*A história de dois marinheiros
que conquistaram o ar e outras coisas mais...*

ALEXANDRE DE SOUSA



Rio de Janeiro, 2025

Horizonte num mar de nuvens

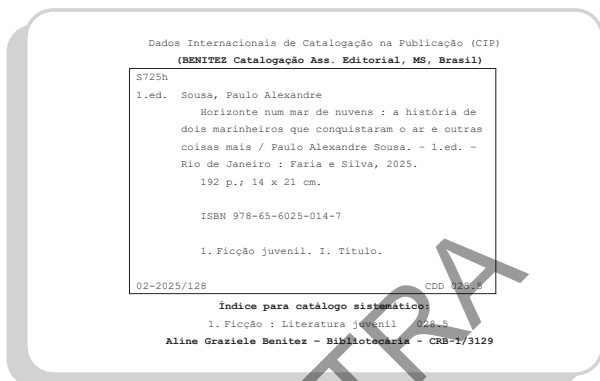
Copyright © 2025 Faria e Silva.

Faria e Silva é uma empresa do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 by Paulo Alexandre Sousa.

ISBN: 978-65-6025-014-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Faria e Silva

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtora Editorial: Milena Soares

Revisão: Paulo Aragão

Projeto Gráfico e Diagramação: Junior Santos

Capa: Minidesigns; Beatriz Frohe

UM HORIZONTE COM PALAVRAS CERTAS: UM CONVITE À LEITURA DE

HORIZONTE NUM MAR DE NUVENS

A história de dois marinheiros
que conquistaram o ar e outras coisas mais...

Deste ponto do Atlântico Sul de que falo, 2022 vai se construindo em torno de muitas marcas: bicentenário da proclamação da Independência do Brasil — alterando os rumos políticos, 100 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo — assinalando uma virada no plano cultural, 20 anos da conquista do pentacampeonato de futebol brasileiro — apontando uma esperança de passar a hexa...

No entanto, além dessas (e outras muitas) marcas num momento de reabertura neste mundo pós-pandemia da covid-19, vivenciamos, na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, realizada de 1 a 10 de julho, mais e mais pontos a celebrar do universo que a língua portuguesa vai unindo, por exemplo, os Centenários de Agustina Bessa-Luís, Agostinho Neto, Darcy Ribeiro, José Craveirinha, José Saramago, 110 anos de Jorge Amado... Além da palavra celebrada, também este ano assinala 100 anos de uma aventura que ligou, pela primeira vez, pelo ar, Lisboa e o Rio de Janeiro.

Foi, então, nessa Bienal do reencontro presencial que pude — seguindo o mote do Pavilhão de Portugal, país especialmente convidado do evento: “é urgente viver encantado” — viajar em *Horizonte num mar de nuvens: A história de dois marinheiros que conquistaram o ar e outras coisas mais...* Foi aí que nesse local privilegiado, conheci, apresentada pelo escritor brasileiro José Santos, o autor Alexandre de Sousa, que, bom tempo antes, mesmo sem saber sobre esta leitora, me deu a co-

nhecer a obra ainda em gestação. Da leitura solitária, mas envolvente, fomos para a movimentada Bienal, pertinho do Eléctrico 22. Lugar da travessia, agora em forma de animado diálogo. Desse bate-papo (quero deixar mesmo o tom da informalidade do momento) surgiu novo convite para minhas impressões — agora por escrito. Vamos a algumas delas!

A narrativa *Horizonte num mar de nuvens: A história de dois marinheiros que conquistaram o ar e outras coisas mais...* tem como motivação o fato histórico de que, em 1922, os portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho terem feito “mais de 60 horas de voo e oito escalas”, em três hidroaviões — “Lusitânia”, “Portugal” e “Santa Cruz” — numa experiência arriscada, “num mar de nuvens” — aventura iniciada em 30 de março e concluída somente em 17 de junho. Esse “voo histórico” abriu caminho às viagens aéreas, com precisão científica, graças à ideia genial de adaptar um sextante a um horizonte artificial.

Esse é o pano de fundo histórico que enquadra a história apresentada por Alexandre de Sousa, nesta sua segunda incursão pela prosa, depois de *Hepta*, romance publicado em 2014, pela editora Óbidos Vila Literária e também pela Faria e Silva no Brasil, em 2022. Alexandre vive em Óbidos (Portugal), com Sandra, sua esposa, e com seus filhos: Francisco, Maria, Tomás, André, Constança e Violeta. Apaixonado pela região onde vive, pelo mundo da aviação e, naturalmente, pela sedução da palavra literária. O poeta Alexandre de Sousa pode ser apresentado ao leitor que navegue pelas antologias *Poetar Contemporâneo I* (2011) e *Poetar Contemporâneo II* (Editora Vieira da Silva, 2013) e *Entre o Sono e o Sonho* (Chiado Editora, 2015).

O desafio da escritura desta obra — transformando a História em história, “sementada” pela menina Constança, no primeiro capítulo — vai ser conduzido pelo autor com muita delicadeza e cuidado na seleção e na combinação das palavras. Além disso, Alexandre consegue, em muitas sequências, de forma muito envolvente, presentificar na narrativa não só os dados históricos da travessia, mas também conjugar, com elegância, o conhecimento pessoal que detém da aeronáutica, sem sobrecarregar o leitor com tecnicismos.

“Algumas milhas depois, Sacadura, numa das muitas verificações que ia fazendo com regularidade aos diversos componentes que permitiam controlar e comandar aquela ave rara, reparou que havia um

pouco de umidade na “durite”, uma emenda do tubo de descarga da gasolina que permitia a transferência de combustível do tanque de gravidade para o tanque central. O piloto sentiu o coração acelerar um pouco e umas gotas de suor escorrerem pelo rosto [...]”

“Afinal, não era combustível! O teste ao toque, realizado entre o polegar e o indicador, mostrou que era um líquido mais espesso e mais escuro. Óleo do motor! Óleo que estava a sair pelo tubo de descarga do motor e que rapidamente se espalhou pelas asas, pela fuselagem e pelo para-brisa.”

O leitor verá que o livro não traz, simplesmente, a História factualmente contada. Não se trata, portanto, de simplesmente contar a história; mas de como a história é contada. Nesse sentido, o trecho acima pode bem ilustrar como o narrador nos oferece a sensação de que se está realmente ali, vivendo, sofrendo, pensando em cada passo do planejamento, a sentir o balanço de cada avião (do Lusitânia, do Portugal e do Santa Cruz), construindo um sentido de realidade, que nos coloca ao lado dos aeronautas portugueses, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, nesse mar de nuvens.

O aviador e oficial da Marinha Portuguesa, Sacadura Cabral (Celorico da Beira, 1881 – Mar do Norte, 1924), e o oficial da Armada, geógrafo, historiador, matemático, Gago Coutinho (Lisboa, 1869 – Lisboa, 1959), nas páginas deste *Horizonte num mar de nuvens*, despontam não apenas como as personalidades históricas que foram — e que as biografias demonstram, ressaltando o pioneirismo dessa dupla — mas também, ambos nos são oferecidos pelo narrador em uma dimensão cotidianamente humana: com sonhos e insônias, com adversidades e oportunidades, com portas fechadas e janelas abertas. Pode, por exemplo, a leveza da resposta de Sacadura ao ser indagado por Gago sobre “como é voar” ajudar a perceber a sutileza da linguagem do autor, na voz de seu protagonista (sem contar a sequência, que deixo o leitor percorrer na obra, em que um poema se coloca):

“É uma sensação difícil de explicar. Antes de mais, é uma loucura. Quando olhamos para aquele amontoado de pedaços de materiais, para aquela estrutura estranha, diferente de tudo o que conhecemos feito pelo Homem e pensamos que vamos subir nos ares montados naquele

engenho, puxados pela força de uma máquina que parece transformar combustível num barulho ensurdecedor. Assim, pensando a frio, é uma enorme insensatez.”

As travessias, como as que motivam esse *Horizonte num mar de nuvens*, são oportunidades de trocas e de quanto a curiosidade humana move o homem nos caminhos desses desafios. Naturalmente, o livro de Alexandre de Sousa é uma narrativa de viagens, em torno de fato histórico impactante para a vida do homem moderno (primeira travessia aérea do Atlântico Sul, as reações do brasileiro Santos Dumont diante da aventura, o envolvimento dos políticos portugueses e brasileiros...), que prende o leitor a partir da facilidade demonstrada pelo escritor de ficcionalizar o real, permeando a trama com detalhes verossímeis: comamos chocolates, abrimos ou não o Porto... Aconselho ao leitor que vá atrás desses (e outros) detalhes.

Horizonte num mar de nuvens também faz outros voos... Por exemplo, destaco os voos no mundo cheio de metáforas, uma vez que cada capítulo se inicia de algum modo suavemente filosófico, numa atitude “provocativa” ao leitor, ao fazer essas mesclas de travessias: ora a travessia do pensamento, ora a realidade da travessia do Atlântico:

“Os encontros são a verdadeira razão de viver. As viagens não passam de passatempos entre encontros. São eles que nos constroem, que nos educam, que nos mostram quem somos. Breves, alongados, são as marcas da vida. São portos que nos abrigam e que tanto custam deixar para trás. Temos sempre o receio de nos perdermos nas tempestades e de não voltar a encontrar terra firme.”

A ideia destas impressões que compartilho convosco é a de trazer ao leitor um pouco das minhas percepções ao seguir nesta travessia (que tive o privilégio de experienciar ainda antes de nascer publicada), com a gratíssima surpresa de que não se trata tão somente de um registro de fato histórico (o que já seria excelente e necessário). Estamos diante de uma construção literária que pode, sim, ter sido motivada pelo conhecimento científico e pela relevância histórica que o centenário da travessia do Atlântico Sul evoca, unindo Portugal e Brasil, mas cuja dimensão se amplia, sobretudo, pela condução sensível do autor.

Creio que Sacadura Cabral não se importaria de me emprestar suas palavras para dar ao Alexandre de Sousa: “Serei grato até ao fim da minha vida por me ensinar a caminhar nas nuvens”, e também, com certeza, me permitiria mais estas outras para lançar ao leitor, que embarca nesta travessia: “Como se diz na despedida de um marinheiro, desejo-lhe mar chão e ventos de feição”.

Regina Brito

Atlântico Sul
São Paulo, agosto de 2022

AMOSTRA

AMOSTRA

Aos que falam com as estrelas.

AMOSTRA

A Providência não é pródiga em oferecer à Humanidade Homens Ilustres. Todavia, na hora própria, ela coloca-os nos seus verdadeiros lugares.

VICTOR HUGO

Em verdade, somos “duas pátrias” e um só coração.

Dr. JUSCELINO KUBITSCHEK

(Presidente do Brasil)

Capítulo I

- Sementar (2020) -

Tenho uma filha que se chama Constança. Os filhos são engraçados porque acreditamos sempre que eles são pequenos e pensam coisas pequenas. Mas a verdade é que são pessoas sem fim, com um corpo apertado e leve, capaz de se aconchegar dentro do nosso peito. Quanto aos seus pensamentos... o universo inteiro não chega.

Não me lembro se era verão ou inverno, mas tenho a certeza da alegria da Constança quando um certo dia a fui buscar à escola.

— Pai, pai! Hoje sementei muitas coisas!

Sorri para ela e tentei corrigi-la:

— “Semeei”.

Mas ela insistiu:

— Estás enganado, pai. Sementei.

Perguntei-lhe então o que tinha ela sementado. Ela muito decidida respondeu:

— “Sementes”.

Passei o resto do dia a ouvir na minha cabeça a palavra “sementei”, que depois se transformou em “sementar”. Eu sabia o que era semear, colocar na terra sementes. Do que fosse. Sabia também que as sementes eram uma coisa morta cheia de vida. Um grande mistério. Mas não fazia a mais pequena ideia do que seria “sementar”.

À noite, enquanto o silêncio namoriscava o luar, fui deitar-me com ela e pedi-lhe para me contar um pouco mais sobre as sementes que tinha sementado. A muito custo consegui convencê-la do erro gramatical. No entanto, quando ela já dormia, percebi a grandeza da palavra “sementar” e arrependi-me de a ter corrigido.

Uma das coisas mais belas do mundo é entregar à terra um pouco de nada e deixar que o seu calor, a luz do sol e a brandura da água criem vida.

A mais bela coisa do mundo é entregar à mente humana um pouco de tudo e deixar que a sua bondade, a luz da sabedoria e a brandura do coração criem um ser humano.

Acabei também por adormecer e sonhar com uma imensa chuva de sementes que nos molhavam da cabeça aos pés. Crianças saltavam por todo o lado, fazendo com que tudo ao redor se fosse transformando nas mais diversas formas e cores de alegria.

Era uma gritaria suave que contagiava toda a gente que por ali andava. Sonhando como eu. Os adultos, pois também os havia por ali, iam-se apequenando até se tornarem crianças. Uma brincadeira contagiante, numa terra do Sempre.

AMOSTRA

Capítulo II

- Esperanza (1991) -

De tudo o que a vida tem, talvez seja a morte o que lhe dá mais sentido. Vivemos a fugir dela, sabendo que nos espreita de qualquer canto. Mas vivemos. Vivemos apesar dela. Vivemos para lá dela. Talvez a morte de quem amamos nos faça morrer aos pedaços. Talvez a morte se encha de vida, quando lutamos por ficar inteiros, juntando os despojos que se largam de nós. Na Base Aérea do Montijo, as noites de inverno são frias e úmidas porque caem mesmo junto ao rio Tejo. Uma tripulação de “lobos” saiu apressada da Esquadra 601. Quem escutasse com mais atenção, talvez até ouvisse um ou outro uivo, ao longe, anunciando à alcateia que não era noite para dormir. O 14804 era a aeronave P-3P que estava atribuída às missões de busca e salvamento, naquela semana. Os mecânicos de dia já se ocupavam dela há algum tempo. Verificaram o estado geral do avião, confirmaram os níveis de óleo dos sistemas hidráulicos, reabasteceram os depósitos de combustível, entre muitas outras tarefas essenciais, para garantir a segurança e a operacionalidade do voo. Pela frente, tinham mais de dez horas de missão, sobre as águas de um mar austero, cuja única fronteira era o céu. Numa folha de papel, o navegador tinha apontado apenas quatro pequenas linhas de informação, ditadas ao telefone meia hora antes pelo Oficial de Dia às Operações que se encontrava no Comando Operacional, em Lisboa.

“Barco de pesca espanhol ‘Esperanza’”

Posição: N41° 02' W 019°43' / Hora: 23h02 Z /16 pessoas

Considerando os cálculos rápidos feitos pelo navegador, deveriam chegar à posição reportada por volta das 05h20 zulu. Na pesada mala de cabedal negra como a noite, ele levava tudo o que era necessário, as cartas aeronáuticas, os manuais técnicos indispensáveis, um compas-

tripulantes já tinham cruzado o horizonte entre o mar e o céu. Das janelas do avião, avistavam-se umas cabeças pequeninas dentro de uns círculos alaranjados. Algumas olhavam para o alto e mal esbracejavam. Outras pareciam tombadas, como que a dormir, à espera que alguém os viesse aconchegar. Era uma dor de alma.

Estavam muito para além do alcance dos helicópteros de salvamento e nas águas em redor não havia um navio que pudesse ajudar a socorrer aquela gente. À segunda passagem por cima dos naufragos, largaram uma carga que continha um barco salva-vidas e outros dispositivos de emergência. Para evitar atingir quem estava na água, a largada foi executada com alguma distância de segurança, e apesar do salva-vidas se abrir automaticamente, seria sempre necessário que os naufragos nadassem um pouco e depois ter a força e vontade suficientes para conquistá-lo. Naquele caso, o salva-vidas caiu a cerca de 30 metros do homem mais próximo. Nem ele, nem qualquer outro, foram capazes de o alcançar. Aqueles homens estavam mergulhados em água a 15°C, há cerca de seis horas. Duas horas para lá do que um homem normal poderia suportar. De mãos, pés e peitos atados, a alcateia nada mais podia fazer. Era como estar à beira da cama de um moribundo à espera que a morte vencesse. E ela foi vencendo, corpo a corpo. O navegador veio espreitar a uma das janelas para ver algumas daquelas almas subirem ao céu, agarradas aos primeiros raios de sol, como se dessem a mão aos anjos e assim fossem passeando até ao Paraíso Celeste.

De toda a verdade que ali se passava, apenas uma única coisa era certa. A posição geográfica onde tinham morrido 16 pescadores espanhóis.

Catorze cadáveres seriam recuperados mais tarde por um navio da Marinha. Os outros dois foram reclamados pelo mar, que nunca mais os libertou.

A viagem de regresso ao Montijo foi preenchida por um profundo silêncio, apenas quebrado pelas poucas comunicações trocadas com as agências de controle aéreo. Na mente do navegador passaram orações pelas famílias que ainda nem sabiam do sofrimento que estava por chegar, a impotência de acudir aos gritos mudos dos pescadores e a genialidade de quem tinha permitido que eles não tivessem partido sozinhos, sem um adeus. Aquele homem sentiu-se uma mistura de carne e osso, com pensamentos que vagueavam pelos cantos de um universo inacabado.